



A FORJA IDENTITÁRIA DE LUTADORES VETERANOS: ALÉM DO ÚLTIMO ROUND¹

Samuel Thomazini Oliveira
Ivan Marcelo Gomes

RESUMO

Discute aspectos relacionados à forja identitária de praticantes veteranos de esportes de combate na região metropolitana de Vitória – ES. Em termos metodológicos, a pesquisa se desenvolveu por meio de trabalho empírico, cuja estratégia empregou entrevistas semiestruturadas com cinco lutadores com idades que variam entre 38 e 74 anos. Problematisa aspectos recorrentes nos estudos que se dedicaram a mapear os referenciais que participam da construção identitária de lutadores, assim como aquelas pesquisas que se dedicaram às análises sobre o término da carreira esportiva. Conclui que os lutadores desenvolvem maneiras (alternativas) de manutenção identitária diante a diminuição do rendimento esportivo.

PALAVRAS-CHAVE: Esportes de combate; Identidade; Corpo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos últimos anos, vários foram os estudos com foco nos esportes de combate, em especial os modos pelos quais se constitui a forja identitária dos lutadores (WACQUANT, 1998; 2000; 2002; GASTALDO, 1995; CHECHETO, 2004; VAZ; TURELLI, 2006; NUNES, 2004; 2006; THOMAZINI; MORAES; ALMEIDA, 2008). Seguindo esse movimento, desenvolvemos um estudo com objetivo de compreender o processo de construção/manutenção identitária de veteranos praticantes de esportes de combate na região metropolitana de Vitória-ES.² Nesse sentido, problematizamos possibilidades de compreensão de um cenário que podemos caracterizar como processo de “aposentadoria de lutadores”. Na literatura disponível sobre o tema aposentadoria de atletas, podemos identificar alguns esforços de análise sobre esse importante fenômeno (SANTOS, 2003; AGRESTA, 2006; PEREIRA, 2008; MARQUES; 2008; FERREIRA, 2009; RIBEIRO, 2004); entretanto, em nosso estudo refletimos sobre alguns aspectos da forja identitária de veteranos lutadores em um momento de suas vidas caracterizado pela diminuição do rendimento físico esportivo necessário à realização das tarefas impostas pela modalidade, tendo como resultado o afastamento das competições (aposentadoria).

¹ Esse trabalho contou com apoio financeiro do Fundo de Apoio à Ciência e Tecnologia do Município de Vitória - ES (FACITEC), edital 04/2010.

² Os lutadores veteranos que participaram desse estudo apresentam idade acima de trinta e oito anos e praticam, há muitos anos, alguma modalidade de luta corporal.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo a partir de relatos, conversas e entrevistas com sujeitos praticantes de esportes de combate. Efetuamos uma entrevista inicial e, a partir das informações coletadas, elaboramos uma segunda versão de entrevista.³ Nessa perspectiva, discutimos sobre o cuidado de si dos lutadores a partir das relações estabelecidas com seus corpos, problematizando as agruras e estratégias ante a “degradação da máquina homem”. Esses aspectos constituíram-se como eixos norteadores para o desenrolar do estudo com cinco lutadores, que nesse trabalho serão identificados como:

Lutador 1 - 38 anos, lutador de MMA e jiu jitsu, com experiência em competições internacionais. Participara, por alguns anos, do maior evento de artes marciais mistas do mundo (UFC). Ministra aulas e cursos das modalidades que pratica.

Lutador 2 - 45 anos, policial militar, professor e lutador de boxe com experiência em capoeira. Foi presidente de uma das federações capixabas de boxe.

Lutador 3 - 39 anos, foi vice campeão mundial de jiu jitsu e é professor de educação física. Atualmente está fora dos circuitos de competição.

Lutador 4 - 40 anos de idade, 34 anos praticando artes marciais. É lutador de eventos de MMA; é faixa preta em cinco lutas (kungfu, kickboxing, muay thai, rapikido, jiu-jítsu); ministra aulas das modalidades e trabalha como segurança.

Lutador 5 - 74 anos de idade. Possui experiência em *vale tudo*, jiu jitsu, judô, *telecatch* (*lutas encenadas*) e ainda exerce o ofício na “nobre arte” de *boxear*.

Neste artigo, divulgamos um recorte do estudo realizado. Operamos com a tese de que os referenciais presentes na forja identitária dos lutadores analisados atuam tanto para a desconstrução do lutador quanto podem lhe dar garantias para permanência na identidade escolhida. A primeira noção está ligada à incidência de referenciais bioidentitários relacionados à boa forma física, à potência, à virilidade, à juventude, e, como sabemos, tem prazo de validade. Por isso, identidades baseadas unicamente nesses parâmetros estão condenadas ao “fim”. Entretanto, quando relacionados com a conduta do guerreiro (sua história de bravura, sua experiência na luta) bem como aos benefícios identitários decorrentes dos sentidos atribuídos a sua prática, o lutador, mesmo envelhecido e desgastado, ainda tem “chances de vitória ante a implacável deterioração corporal”. Assim, a partir da incorporação de um *êthos* esportivo baseado no controle de si e nas prerrogativas para manutenção do corpo lutador, dar-se-á a luta permanente para manutenção da identidade escolhida.

³ Em cumprimento da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), esse trabalho foi realizado a partir da submissão e aprovação do projeto (número 005/11) ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade federal do Espírito Santo (CEP/UFES).

(IN)EVITÁVEL APOSENTADORIA DO LUTADOR

O tema da aposentadoria esportiva tem sido objeto de diferentes disciplinas no contexto acadêmico. É possível identificar abordagens distintas, assim como aspectos comuns à ideia de aposentadoria como uma difícil etapa da vida, uma transição, um momento de indefinições e incertezas. Essa noção acerca do drama vivido por vários esportistas no momento em que não podem mais continuar atuando como atletas profissionais, tem obtido, também, bastante destaque nas manchetes esportivas. A ideia de vida após a “morte” como jogador ou, então, saber a hora de decretar o fim da carreira, são exemplos do enfoque midiático dado à dificuldade de enfrentar o momento em que o sujeito se vê em vias de uma (re)descrição de si a partir da perda ou decadência dos referenciais atléticos/corporais. Capraro et al (2011, p. 177), ao analisar periódicos que trataram dessa questão, relatam que a “passagem” de um atleta à sua aposentadoria é “[...] retratada pela mídia como uma ‘dor de morte’ [...]”. Assim, os títulos e o teor dos artigos que identificaram demonstram uma ideia corrente de que a decisão de deixar de exercer a profissão (no caso, de jogador de futebol) em uma fase da vida em que ainda se é jovem, mas não o suficiente para desempenhar a função, é doloroso e inevitável. Isso justifica tanto as tentativas de permanência na identidade escolhida quanto o retorno às competições após o afastamento. Segundo as análises de Capraro et al (2011), a decisão de parar ou continuar é do indivíduo; no entanto, as pressões advindas das torcidas, das mídias, dos patrocinadores, contribuem para que a decisão seja tomada tendo como parâmetro o rendimento. Tensão semelhante tem vivido o lutador de MMA Wanderley Silva. Aos trinta e sete anos de idade, mesmo após uma vitória no dia três de março de 2013, constantemente, em entrevistas, tem-se cogitado uma possível aposentadoria do lutador. “O assunto, porém, parece não agradar muito o brasileiro. Em entrevista concedida ao programa *Inside MMA*, do canal a cabo norte-americano AXS TV [...Wanderley Silva] afirmou que planeja a carreira uma luta de cada vez” (SPORTV.COM, 2013),⁴ se referindo à possibilidade de encerramento da carreira de lutador profissional. Sobre seu futuro nas lutas, o lutador afirma: “O público é o chefe. Enquanto o público me quiser, vou continuar” (CARRANO, 2013).⁵ Essa tensão, alimentada pelos telejornais, pelos empresários e pelo público, também pôde ser percebida em nosso campo de pesquisa. Um dos nossos colaboradores comentou sobre como despertou para a ideia de que a idade poderia estar avançada em relação à sua prática:

⁴ Entrevista concedida ao Sportv.com. Acesso em 16 de março de 2013.

⁵ Entrevista concedida ao *site* superlutas.com.br. Acesso em 16 de março de 2013.

“Vi que a idade chegou quando um dia um repórter me perguntou na televisão: já está na hora de parar né? Aí eu, parar o que? Falei pra ele: parar de lutar? Ele disse sim, você já está com a idade avançada, está com quarenta e poucos anos! Aí eu pensei... viajei... vim para casa triste, o cara me achou velho, quarenta e poucos anos, eu estou bem e... me empolguei quando eu fiz uma luta com quarenta e um anos contra Rei Zulú. Botei mais de três mil pessoas no ginásio Wilson Freitas em 1986” (LUTADOR 5, entrevista 2, p. 1-2).

É importante ressaltar que a depreciação e dificuldade em aceitar exhibições deficitárias no âmbito das performances das lutas não é exclusividade de comentaristas e telespectadores esportivos, mas pode ser percebida, também, na perspectiva dos lutadores. Sobre isso, o Lutador 1 relata:

“[...] O MMA está mostrando a evolução do esporte, tá mostrando que caras cada vez mais velhos estão lutando, mas eu acho que o Randy [Cuture - lutador veterano da modalidade MMA] já chegou num nível que já devia parar, acho que já tá... tá... entendeu... vai fazer a última luta dele inclusive vai até aposentar agora ele, vai lutar contra Lioto Machida e vai aposentar. Eu acho que não é muito bom pra quem vê também não... tá mais velho, não tem mais tanta força, pode se machucar, não sei cara! Não vejo mais... por exemplo ele fez a luta contra o Coleman... o Coleman po! tá parecendo velhinho mesmo, lento, o outro fica batendo o tempo todo entendeu, sei lá!”

Parece não haver escapatória para esses destemidos *homens de ferro* (GASTALDO, 1995). Nesse “combate”, como os grandes eventos de lutas são os alvos de quem deseja conquistar independência financeira, fama, vivendo e fazendo o que escolheram para si, se não atenderem as exigências do mercado do desempenho, das expectativas do público, das imagens e códigos referentes a esse cenário, é chegado o momento de repensarem suas vidas.

Em meio a essas constatações, no âmbito da nossa pesquisa, apesar da idade avançada, os lutadores possuem um alto vínculo identitário com a prática exercida, seja ela vivida profissionalmente ou na forma amadora. Entretanto, não se tratam de renomados lutadores, de celebridades do âmbito nacional e/ou internacional, são homens que estão, de maneira intensa, ligados aos referenciais de reconhecimento viabilizados pela modalidade que exercem. Apesar da idade avançada, quatro dos lutadores entrevistados ainda desejam realizar grandes feitos por meio das lutas. Desejam fama, grandes bolsas, estabelecer recordes. Em meio a essas ambições, manter-se na atividade o quanto for possível significa aumentar as chances de diferenciação e reconhecimento desejado.

Nesse processo, em que o corpo e seu desempenho tendem para uma desvalorização contínua e inevitável, além das estratégias para prolongar a vida útil do lutador (treinamentos específicos, descanso, alimentação adequada), os atributos forjados e impregnados no *modus*

operandi do guerreiro estão vinculados a outros referenciais identitários que potencializam sua legitimação/perpetuação. Ao analisarmos os sujeitos dessa pesquisa (alguns deles afastados das competições), não encontramos dados suficientes que pudessem sugerir e identificar os lutadores dessa pesquisa como “ex” esportistas ou atletas *másters* (esportistas em idade madura).⁶ Eles são para sempre lutadores. Nessa saga, ser lutador

“[...] Não é só aquele que sobe no ringue, o lutador é aquele que esta preparado pra lutar, acho que de certa forma ele pode ser... não da forma de subir no ringue, de ganhar dinheiro com isso, mas ele é, se ele está preparado pra lutar, se ele estiver numa situação que precisar se defender ele vai se defender, eu acho que sim.[...] Na minha opinião mesmo não entrando no ringue o cara é lutador, mas ele não é competidor, aí é outra história, outra perspectiva, acho que eu vou ser sempre lutador, vou morrer lutador, só que não subo no ringue, mas vou morrer lutador” (LUTADOR 1, p. 2, 5).

O lutador 2 esclarece:

“[...] mesmo não lutando em cima do ringue, ele está lutando fora do ringue para que o esporte aconteça, é aí que psicologicamente se eu entregar como lutador eu entrego tudo. Então eu não estou lutando no ringue, eu não posso ter ódio, eu vou lutar para que o esporte aconteça, montando luta, cuidando do atleta. Oh, hoje eu não estou lutando, mas você vai ser campeão ali onde eu não posso ir e isso é agradável.”

Assim, o lutador

“[...] É sempre o lutador, ele não deixa de ser lutador, pode ter certeza. Eu nunca vou deixar de... a minha filha, minha doutora, ela é engenheira, ela fala assim: pai, pai, agora tem que ensinar para os outros. Eu digo: não fala isso comigo não, fala que eu tenho que ir em frente, eu treinando eu nunca vou perder pro corpo. Então se eu parar, se eu deixar de ser lutador, eu vou engordar, vou ficar barrigudo, eu vou ficar velhinho, eu não vou ter disposição. Manda eu treinar, fala tem que lutar pai! eu fico assim” (LUTADOR 5, p. 6).

Os referenciais que participam na/da construção do guerreiro são forjados de tal forma que nem o tempo ou outras dificuldades o farão esquecer da bioidentidade escolhida. Assim,

“[...] Se ele dedicou a vida inteira dele, como lutador, isso sempre vai estar na essência dele. Igual a mim, estou sempre acompanhando as lutas, nas olimpíadas eu gosto de ver as lutas de judô, os projetos sociais que os caras fazem, treinando pra manter... não pra manter a forma, mas pra está ali participando do grupo, aquele grupo ali né” (LUTADOR 3, p. 3).

A dedicação à luta, aos treinamentos, as relações com o grupo, estão ligados às especificidades da prática, ao retorno financeiro, à gratificação em expressar os valores da

⁶ Normalmente indivíduos de classe média e/ou alta, de “tempo livre”, que passaram a viver mais, desfrutando de autonomia financeira na fase “não produtiva” da vida e que encontraram nos esportes um estilo de vida ativo que se contrapõe à imagem de desgaste e inatividade que outrora a idade lhe imputaria (SOARES, 1995, p. 20).

modalidade. Em um sentido mais específico podemos analisar a fala do Lutador 1 como representativa nessa argumentação. Sobre seu engajamento, ele comenta:

“[...] No primeiro vale tudo, eu ganhei 1000 reais, mais 300 de um cara que tinha ganhado uma luta. Esse foi meu primeiro motivo para ir para o MMA. Logo em seguida vem a compensação de imagem, porque a imprensa veio a mim, a divulgação. Minha academia aumentou o número de alunos, meu nome foi falado em vários lugares. Como o vale tudo vem como foco, foi como uma mão na roda, eu saí em três jornais quando cheguei de São Paulo. A recompensa maior pra mim não foi só financeira e da imprensa, foi o meu caráter pessoal e a minha auto doutrina. Pra explicar melhor, meu eu interior, eu me senti superior a tudo e a todos. Eu ganhei um evento que envolve todas as artes marciais do planeta, eu fui o campeão. Aquilo me deu uma autoconfiança, me empurrou e emocionou de uma forma que eu me senti superior a todos. Então eu creio que para um lutador que luta MMA hoje que ganha ou mesmo que perca, mas deu o seu máximo, o prazer maior dele é saber que ele está numa competição que envolve todas as artes marciais, ele está no topo.”

No entanto, muito mais do que uma alternativa financeira, são construídas representações simbólicas de si que potencializam exercer o ofício. O capital simbólico está atrelado também à capacidade de executar tarefas que sugerem o quão poderoso, corajoso e destemido é. Nesse sentido, “[...] o passar do tempo não parece oprimir o lutador, poderá haver algo de salvação nele” (MELO, 2008, p. 6). Pois, aconteça o que acontecer, o lutador nunca vai deixar de ser lutador:

“[...] Quem viu, quem acompanhou a carreira dele, sempre chama ele de lutador. Ele é lutador para os filhos, para os vizinhos, ele é lutador dentro do ônibus, ele é lutador nas boites, aonde ele chega ele é lutador. Eu digo isso com base. Eu comecei com 20 anos de idade e estou com 74, eu não deixei de ser lutador, eu nunca vou deixar de ser lutador. Se eu conseguir aos 80, 90, eu vou ser lutador igual foi o Hélio Gracie, lutou até morrer” (LUTADOR 5).

Contudo, existem diferenças entre ser lutador profissional e lutar profissionalmente. Aqui se estabelece uma distinção importante, como nos lembra o lutador 4:

“Lutador profissional eu quero ser até morrer e pretendo me immortalizar, porque o que immortaliza o homem não é o que ele é, é o que ele faz, daqui a quinhentos mil anos eu queria que os filhos, do filho, do filho dos nossos filhos falassem de mim e de você pelo o que nós fizemos. Então nós seremos imortais como Benjamim Franklin, Albert Einstein, Santos Dumont e Bruce Lee. Eu pretendo ser imortal, então eu tenho que fazer algo bom. No decorrer da minha vida toda eu pretendo ser um lutador profissional. Agora, lutar profissionalmente, enquanto a minha mente obrigar o meu corpo a caminhar não enquanto meu corpo desistir, enquanto a minha mente, volto a dizer, afirmar que meu corpo pode, eu quero lutar profissionalmente. Eu creio que até os cinquenta anos eu deva estar lutando profissionalmente” (Entrevista 2, p. 9).

A distinção apresentada pelo lutador 4, ao mesmo tempo em que associa o fim da identidade construída como lutador à “morte carnal”, incorpora mais do que ser lutador até morrer. Nesse sentido, alinhado à ideia de aposentadoria como primeira morte do atleta profissional (morte simbólica), deixar de ser lutador também faz referência a uma morte identitária. Assim, se para alguns atletas a aposentadoria representaria a primeira morte, para este lutador, mesmo no fim de uma vida, poderá existir um caminho atraente, um tipo de ponte rumo à imortalidade. Por mais precíval que possa ser a vida, é nela e através dela que será possível imortalizar o lutador. Perceber esses aspectos significa constatar que, nessa batalha, “[...] até mesmo o fracasso pode ser aceitável, mas desde que o guerreiro não abandone sua condição” (MELO, 2005, p. 138).

Nessa trajetória, as práticas ascéticas continuam como um elemento fundamental na saga do guerreiro, tanto no que diz respeito aos treinamentos físicos (mesmo que em menor intensidade), quanto na atenção dispensada aos cuidados e mandamentos para preservar imagem correspondente à identidade escolhida. É no exercício de si sobre si mesmo que se realizará de maneira permanente a forja do lutador e isso deverá acompanhá-lo por toda a vida. Ele deverá percorrer todo um processo de (re)elaboração de si, se transformar e atingir um certo modo de ser que supere as limitações físicas ou, no mínimo, garanta parte do *status* adquirido durante o auge de suas atuações. Nessa relação, a mente deve moldá-lo e imprimi-lhe o máximo de controle para prolongar e/ou ampliar a vida útil do lutador profissional/competidor, assim como manter o *status* do qual o *lutador* desfruta(rá) e sonha um dia imortalizar. Nesse contexto, ser lutador é escolher e valorizar um modo de vida a ser seguido e isso implica aceitar e converter-se aos mandamentos da fé guerreira ou, nas palavras de Wacquant (1998), ao “catequismo pugilíssimo”, em dar continuidade aos treinamentos, aos combates, pois o lutador, para continuar sendo lutador,

“[...] Tem que treinar, continuar treinando e tal, mentalidade também né, é acho que sim” (LUTADOR 1, entrevista 1, p. 5).

“[...] Tem que permanecer no tatame, ele tem que estar sempre treinando igual pra ser um bom jogador de futebol, não pode perder para o corpo. Ele tem que não acreditar e fazer do corpo o que ele quer, ou na categoria que ele quer, no trabalho que ele quer” (LUTADOR 5, p. 5).

O afastamento da prática esportiva profissional, no contexto apresentado, está conectado à possibilidade de manter-se nela o quanto for possível. Por isso, devem ser mantidas algumas práticas e adotadas novas medidas para que não se perca o controle daquilo que sutilmente se esvai (o corpo). O sacrifício inerente ao desempenho esportivo é

potencializado na relação de decidir seu destino em um momento em que os referenciais identitários acometem o corpo em decadência. Por esse caminho, considerar a permanência e manutenção dos signos e representações correspondentes às construções identitárias no âmbito dos esportes de combates significa não perder de vista que as representações tradicionais de masculinidades, atreladas a esses modos de ser, reforçam o controle sobre si e potencializam o desejo de permanência do ser lutador/homem. Sobre isso, o lutador 1 ressalta as dificuldades em aceitar o declínio da performance:

“[...] Muita gente luta e tal... eu to falando sério! Tem aquele lance de macho alfa, de ser o chefe do bando, de ser o campeão da parada. Muita gente luta por causa disso. Eu vejo exemplo disso na academia direto. Aí o cara quando vê que ele não rende mais, ele se odeia, odeia o próprio corpo por não responder mais da maneira que ele queria.”

Os modos de ser lutador, sob esses parâmetros de masculinidade baseados na violência, no poder e na virilidade (NASCIMENTO et al, 2011), estão atrelados ao valor atribuído ao melhor, mais forte e vitorioso. Por isso, saber a hora de parar ou parar na hora certa, tornam-se questões fundamentais na manutenção de uma imagem vencedora/ídolo. Em um sentido próximo, prolongar essa imagem também pode garantir reconhecimento potencializado.

O que está mais em evidência, em nosso campo de pesquisa, não se refere à vitória e/ou derrota nos ringues, mas está além dos ringues. É uma disputa consigo mesmo (nos ringues, nos tatames, nos treinamentos, na vida) em favor da manutenção dos referências que constituíram a identidade guerreira, que foram forjados na labuta diária e nos rituais identitários correspondentes. Para permanecer lutador, o sujeito deve treinar para garantir sua permanência no mundo dos lutadores de verdade. Se conseguir vencer nos ringues, segue em frente por mais algum tempo, se não, deixar de ser lutador parece ser a pior de todas as derrotas. Significa perder aquilo que sempre se buscou. Nesse jogo, o destino mais uma vez está nas mãos do indivíduo, seja para a glória seja para a derrota. Quanto maior for o sacrifício maior será o valor das suas condutas; como consequência, maiores serão as chances de vitória no processo de (auto)reconhecimento. Podemos identificar aspectos dessa relação nas declarações dos lutadores:

“[...] Na minha última luta eu quebrei o braço [...]. Tive que botar platina no braço. Nos primeiros dois minutos da luta o cara me deu um chute e fraturou meu braço, chutou de novo e estilhaçou meu braço, tinha quatro pedaços de ossos soltos dentro do meu braço e eu continuei lutando. No intervalo para o segundo round, fui para meu corner e falei: estou com meu braço quebrado, porque quando eu fui pro chão eu fui dar um Kimura

[chave de braço] eu senti meu osso mexendo. No meu corner, meu manager falou: da pra continuar? Eu falei, pô! Claro que dá! O outro cara que estava no meu corner falou: claro que dá meu irmão, você vai lá e tal... fizeram aquele lance psicológico, me motivaram... eu ia independente do meu corner falar, eu não paro não, eu vou continuar. Eu lutei e ganhei do cara. Essa luta foi na França, viajei no outro dia com o braço todo enfaixado, a cara toda marcada, todo mundo olhando pra mim cara! Todo arrebitado” (LUTADOR 1).

“Eu me engasguei no meu próprio sangue num ringue da Vale tudo. Antigamente havia uma contagem protetora, igual tem no boxe, se ele abrisse a contagem e você não se recupera e era eliminado. Foi até bom que isso parou, porque já fui prejudicado por contagem. No MMA não existe contagem, no amador existia, e eu engasgando com sangue, falei não posso desistir, vou lutar sem respirar e ganhei a luta” (LUTADOR 4, p. 7)

Se concordarmos que “[...] todo valor é derivado do sacrifício que demanda e o valor de qualquer objeto é medido pelas dificuldades de sua aquisição” (SIMMEL apud BAUMAN, 2008, p. 298-299), quanto maior for o enfrentamento, o desafio, maiores serão os créditos do esforço. Nessa batalha o lutador precisa do seu corpo e “[...] do corpo de seu adversário para atestar na carne deste sua superioridade, para subjugá-lo, reafirmando assim sua supremacia (física ou técnica), para contemplar com vitória sua performance no ringue” (NUNES, 2006, p. 4). Assim o lutador pode dividir essa conquista com seu círculo social, com “[...] os demais atletas de sua agremiação, pois a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de verdadeiros homens” (BOURDIEU apud NUNES, 2006, p. 4).

Para os lutadores de nossa pesquisa, a mente e a vontade devem guiar o lutador na luta para superar as dificuldades sejam elas de qualquer natureza. A idade e as limitações do corpo no decorrer de sua trajetória, simultaneamente, atuam para a desconstrução identitária do lutador como possibilitam reforçar pertencimento por meio dos signos adquiridos na/pela prática da modalidade. Caso se afaste das competições, mesmo longe do cenário de altas performances, a vontade de ser lutador guiará seu modo de vida e o corpo, mesmo em decadência, ainda permanece válido como alvo das investidas do *eu*. Ou seja, essa é a única luta que não poderá ser perdida. Em nosso campo, os dados sugerem que os elementos constituintes de condutas válidas para a constituição do *êthos* de lutador fundem-se de maneira tal que, nas circunstâncias analisadas, são indissociáveis de uma conduta honrada, prazerosa, respeitada, digna, por isso devem ser para sempre. São preceitos indispensáveis ao *êthos* do lutador. Vividos e transmitidos aos aprendizes, funcionam, nos termos de Wacquant

(2002), como um tipo de pedagogia moral construindo a ideia de herói que incorpora as dimensões esperadas de um grande homem.

O CORPO COMO EXPERIÊNCIA E OUTRAS CONSIDERAÇÕES

No processo de apuração das qualidades a serem validadas ao longo da vida dos lutadores estudados, é possível ser/manter-se lutador sem subir nos ringues, sem necessariamente ser competidor; mas isso, contudo, depende de algumas estratégias. Essa reordenação requer todo um processo de acúmulo de experiência. Esse caminho é apresentado como uma saída diante de uma possível limitação corporal e diminuição performática. Para que isso aconteça, o lutador deve ampliar, ao longo de sua vida, tanto o capital corporal/simbólico adquirido nos combates e apresentações, quanto acumular experiência proporcionada pelas vivências das lutas. Nesse jogo, ele

“[...] Tem que ser experiente, no meu caso, eu acho que o lutador pode lutar até os 60 anos, porque tem que ver uma coisa, tem que ter inteligência. Eu vou lutar aqui pra me manter vivo no esporte, ele tem que decidir se ele quer se manter vivo no esporte ou se quer ser um campeão. Se ele quiser ser campeão mundial, ele pode por a vida em risco, mas se ele fizer algumas lutas esporádicas e mantiver um projeto por fora, com disciplina [...]. Eu vou me manter lutando” (LUTADOR 3, p. 4).

O acúmulo de experiência serve tanto para manter o lutador em atividade nos ringues quanto lhe amplia o capital simbólico que poderá ser (re)convertido nas suas atuações como lutador/treinador/mestre. No movimentar do jogo, o capital corporal ainda é relevante; entretanto, em meio a sua deterioração, o lutador deve buscar algo que lhe permita usufruir da companhia do grupo e, se possível, a partir de seus conhecimentos, subirá no ringue novamente, sentirá toda tensão de estar ali, de ser um deles, de ser quem ele realmente é, mesmo que seja através de um de seus alunos. Nesse contexto,

“A melhor vida útil de um atleta é ele se preparar para ser um dirigente, um técnico e ele se sentir feliz passando experiência, porque hoje ele para de lutar, aí eu vou ficar amargurado porque eu parei de lutar [...], não, aquilo passou, mas a minha experiência permanece” (LUTADOR 2).

Essa ideia também está presente nos relatos dos lutadores 1 e 5.

“Eu quero ser um treinador de MMA [...] Tudo bem, o cara pode ser treinador mesmo sem nunca ter lutado, mas a experiência, saber como é, sentindo, não só na teoria, mas na prática, acho que ajuda” (LUTADOR 1).

“Eu chego a sonhar pra preparar um cara pra botar contra o Anderson Silva [maior campeão de MMA da atualidade]. Eu chego a pensar nisso, isso passa pela minha ideia dia e noite, toda vez que eu ligo a televisão e ta passando [se referindo às transmissões de lutas], eu sonho” (LUTADOR 5, entrevista 2, p. 3-4).

Em nossas análises, quatro dos cinco lutadores entrevistados demonstraram ligação com a modalidade de forma a garantir um meio de vida após o afastamento das competições. Manter-se em forma, treinando, significa que se está seguindo a catequese do guerreiro e que, por mais que sucateado e desgastado, “o dragão ainda cospe fogo” (LUTADOR 4). Isso, para os lutadores, continuará tendo valor no momento em que não puderem mais continuar lutando em competições, pois o valor da conversão de si no ato de tornar-se lutador (todos os investimentos sobre si no decorrer de sua trajetória) poderá ser reconvertido em um tipo de “mestria de competência”, um processo de transmissão da experiência vivida aos que buscam tornarem-se lutadores. O mestre, na sua condição de sábio, é responsável por transmitir ao seu discípulo o saber condizente ao trabalho relacionado aos modos e costumes necessários a prática do guerreiro.

Apesar disso, no processo e desenvolvimento de nossas análises, pudemos perceber que o afastamento das competições, vivido por vários atletas profissionais e/ou amadores, é um acontecimento marcante na vida daqueles sujeitos. No entanto, mesmo com todas as chances de derrota ante a implacável deterioração corporal, os lutadores desenvolvem estratégias para garantir parte de seu arsenal de combate frente à possibilidade de derrota identitária.

No exercício ascético presente nas construções aqui apresentadas, potencializar o corpo e exibi-lo nos ringues gradativamente cede lugar à capacidade de mantê-lo em uso o quanto for possível e, segundo a perspectiva de um dos lutadores entrevistados, mesmo após a morte poderá ser lembrado por suas atuações e conquistas. Obviamente, durante esse processo de diminuição da *performance* e afastamento das competições, ainda é necessário potencializar o corpo. Entretanto, gradativamente, essa obrigação do ser lutador é redefinida para que ele permaneça e suporte os sacrifícios inerentes a perpetuação do guerreiro.

A partir das informações do campo, podemos constatar que, além das normas vigentes sobre o corpo em forma, no caso dos lutadores, esses referenciais se entrelaçam e reforçam formas de reconhecimento já existentes e demarcam posições sociais. Assim, a tentativa de eternizar a identidade de guerreiro é, além de tudo, uma tentativa de manter-se vivo como homem, de ainda representar o grupo, de carregar as marcas das batalhas, de ter uma história, de poder ensinar e ser valorizado por isso. Perceber esses aspectos significa atentarmos para outros valores atribuídos aos referenciais presentes na forja do lutador.

Nessa relação, é possível constatar outra ideia de corpo que participa da manutenção do lutador a partir da experiência acumulada. É nesse sentido que a noção de pedagogia moral

exercida na forja dos lutadores é indispensável e indissociável no entendimento de parte desse processo. Sugere a fixação dos referenciais identitários relativos a um tipo de conduta honrada, respeitada, digna e que, ao mesmo tempo, dá suporte à sua perpetuação.

Nesses “jogos de combate”, podemos verificar que a *vontade* de ser quem se deseja ser impulsiona aqueles construtores de si a continuarem e a não medirem esforços para garantir seu reconhecimento em um grupo em que o *êthos* do lutador é demarcatório e justifica a tentativa de perpetuação da “espécie”.

No âmbito desse estudo, portanto, não foi possível identificar o processo caracterizado como aposentadoria de atletas. Mesmo considerando a representatividade do corpo na vida desses praticantes, não identificamos uma passagem de vida de lutador para ex-lutador. O avanço da idade, o desgaste corporal que, *apriori*, parecem indicar o fim da carreira ou incentivaria os praticantes a procurarem outro modo de vida, não são suficientes para que isso aconteça. Os dados sugerem que os referenciais presentes na forja do lutador o impelem a continuar sendo lutador, e, no decorrer de sua trajetória de manutenção identitária, buscarão meios de perpetuar a identidade de lutador, seja na categoria profissional, amador ou como lutador/treinador/mestre. Um processo caracterizado pela vontade permanente de (re)construção se si.

IDENTITY SHAPING OF VETERAN FIGHTERS: BEYOND THE LAST ROUND

ABSTRACT

This article discusses some aspects related to the identity shaping of veteran fighters of combat sports in the metropolitan area of Vitória (Espírito Santo, Brazil). In terms of methodology, the study was carried out through empirical research, adopting the strategy of semi-structured interviews with five fighters between 38 and 74 years old. The paper problematizes recurring aspects in studies devoted to map the benchmarks involved in the identity construction of fighters, as well as those devoted to analyses on the end of the sports career. It is concluded that the fighters develop manners (alternatives) of maintaining their identity regardless of the decline in sport performance.

KEYWORDS: Sports of combat; identity; body

LA FORJA IDENTITARIA DE LUCHADORES VETERANOS: MÁS ALLÁ DEL ÚLTIMO ROUND

RESUMEN

Discute aspectos relacionados a la forja identitaria de practicantes veteranos de deportes de combate en la región metropolitana de Vitória – ES. En términos metodológicos, la investigación de desarrolló por medio de trabajo empírico, cuya estrategia empleó entrevistas semiestructuradas con cinco luchadores con edades que varían entre 38 y 74

12

años. *Problematiza aspectos recorrentes en los estudios que se dedicaron a mapear los referenciales que participan de la construcción identitaria de luchadores, así como aquellas investigaciones que se dedicaron a los análisis sobre la finalización de la carrera deportiva. Concluye que los luchadores desarrollan maneras (alternativas) de manutención identitaria ante la disminución del rendimiento deportivo.*

PALABRAS CLAVES: Deporte de combate; identidad; cuerpo.

REFERÊNCIAS

- AGRESTA, M. C. *Causas e consequências do término de carreira esportiva em jogadores brasileiros de basquetebol e futebol profissional*. São Paulo, 2006. 86p. Dissertação (Mestrado em psicologia social). Universidade de São Paulo. BIBLAC.
- CARRANO, L. 'Wandelely sobre aposentadoria: enquanto o público me quiser, vou continuar'. 10 de março de 2013. Disponível em: <http://www.superlutas.com.br/noticias/14904/wanderley-silva-sobre-aposentadoria-enquanto-o-publico-me-quiser-vou-continuar/> Acesso em 16 de março de 2013.
- FERREIRA, A. O. *Propriedades métricas do inventário de preocupações de carreira de adulto - versão para atletas: validade de construto e consistência interna*. 2009. 113p. Mestrado (em ciência do movimento humano). UFRGS.
- GASTALDO, E.L. *Kickboxer – Esportes de Combate e Identidade Masculina*. Porto Alegre, 1995, 185p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS.
- MARQUES, M. P. *Análise da transição da carreira esportiva de atletas de futebol da fase amadora para a fase profissional*. 2008. 103p. Mestrado (em psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais. EEEFTO.
- MELO, V. A.; PERES, F. F. (Org.). *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.
- MELO, V. A. Rocky Balboa 6: o último suspiro do velho herói norte americano? *Recorde: Revista de história do esporte*, v. 1, n. 1, jun. 2008.
- NUNES, C. R. F. *Corpos na Arena – um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais combinadas*. Porto Alegre, 2004. 251 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano/UFRGS.
- NUNES, C. R. F. Entre as cordas do ringue: construções de masculinidades na prática das artes marciais combinadas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7, 2006, Brasil. *Anais...* Florianópolis, UFSC.
- NASCIMENTO, A. R. A; VELOSO, F. G. C; d'ALMEIDA, A. C. C. L; MIRANDA, C. C. L; JESSICA, F; NUNES, K. C. Virilidade e competição: masculinidades em perfis de lutadores das Revistas Tatame e Gracie. *Memorandum* 21. Belo Horizonte, UFMG; Ribeirão Preto, USP. 2011.
- PEREIRA, A. B. *A construção social do tipo "jogador de futebol profissional": um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrantes de suas matrizes*. 2008. 200p. Doutorado (em psicologia social). Pontifícia Universidade de São Paulo. PUC/SP
- RIBEIRO, C. H. V. *Mais do que pendurar as chuteiras: projetos sociais de ex-jogadores de futebol famosos*. 2004. 194p. Doutorado (em educação física). Universidade Gama Filho. NUTESES.
- SANTOS, R. C. L. *Educação gerontológica e a aposentadoria de jogadores profissionais de futebol*. 2003. 152p. Mestrado (em educação). UERJ.
- SPORTV.COM. 'No shape' aos 36 anos, Wanderlei Silva não pensa em aposentadoria. Rio

de Janeiro, 1 de março de 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/ta-na-area/noticia/2013/03/wanderlei-silva-nem-pensa-em-aposentadoria-estou-no-shape.html>

>Acesso em 16 de março de 2013.

THOMAZINI, S. O; MORAES, C. E. A; ALMEIDA, F. Q. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts. *Pensar a prática*, Goiânia, n. 3, v. 11, p. 225-336, 2008.

VAZ, A. F. TURELLI, F. Rituais, masculinidade e representações da dor em caratecas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7, 2006, Brasil. *Anais...* Florianópolis, UFSC, 1 CD Rom.

WACQUANT, L. Os três corpos do lutador profissional. In: LINS, D. (Org). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 73-96.

_____. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. *Putas, escravos e garanthões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais*. *Mana*, Rio Janeiro, v. 6, n. 2, p.127-146, out., 2000.